

Festa da Flor bate fim-de-ano na

Patrícia Gaspar

pgaspar@dnocias.pt

De uma singela exposição de rosas, a Festa da Flor converteu-se num dos maiores cartazes turísticos da Madeira. O evento voltou este ano a personificar o colorido e a variedade da Primavera. Trinta anos depois do primeiro certame, o cortejo surpreendeu, mais uma vez, pela abundância de turistas, destronando, no que às médias de ocupação hoteleira diz respeito, o fim-de-ano.

A 'Festa' é unanimemente considerada pelos empresários ligados ao sector da hotelaria como uma das maiores mais-valias de uma ilha que os visitantes continuam a associar às flores, à natureza, ao sossego e ao mar. Se o cortejo da flor é hoje, conjuntamente com o 'reveillon', um dos dois maiores cartazes turísticos da Região, tal deve-se, para os hoteleiros, ao facto de simbolizar o que de mais intrínseco há na Madeira - a ilha das flores. São estes, de facto, os pontos fortes e os requisitos que os turistas exigem. Mas, num arquipélago em que o desenvolvimento continua a dominar os discursos do poder implantado, o índice de construção começa a merecer reparos críticos da parte de quem nos visita (a construção excessiva foi uma das críticas mais comuns aos turistas inquiridos, num estudo divulgado em 2006 por iniciativa da Direcção Regional do Turismo).

Conseguirá a Madeira conciliar o crescimento da oferta turística e comercial com um ordenamento territorial harmonioso? A pergunta inquieta ambientalistas e empresários de hotelaria. Embora o problema extravase as questões associadas à Festa da Flor não deixa, ainda assim, de estar interligado. De uma Região que já importa mais flores do que produz à era dos túneis e das vias rápidas, as apreensões centram-se também na suspensão do Plano de Ordenamento Turístico.



Uma bolsa da flor

Que a Festa da Flor é, nos dias que correm, uma das "melhores valias do destino Madeira", esta é uma proposição evidente para António Trindade. O segredo, diz o empresário, está na conotação às belezas naturais - o atractivo número um para o turismo que aflui ao arquipélago. "A Festa da Flor constitui, para a hotelaria, algo que já ultrapassa o fim-do-ano, dado que as estadias médias são superiores. No período do cortejo, as estadias rondam o mínimo de sete dias, enquanto que no fim-de-ano, a Madeira fica cheia durante dois ou três dias", alerta.

Se é ponto assente que, quando se trata de atrair visitantes, o cartaz supera todas as expectativas, tal não é, contudo, um fenómeno difícil de explicar. "A Festa da Flor vende uma coisa muito própria da Madeira, quando comparada, por exemplo, com o Carnaval. Mais do que isso, integra uma cartaz de acções de animação de que a Madeira é carente", assevera Trindade. Responsável pelo prolongamento do período de Inverno na Madeira e por um forte índice de procura nos meses da Primavera, sobretudo em Maio e em Junho, a 'Festa', diz Trindade, beneficia também por ser realizada 14 dias depois da Páscoa. A esta percepção, Filipa Jardim Fernandes acrescenta as preocupações associadas à descaracterização das vilas madeirenses. "Enquanto é

tempo", a porta-voz do grupo Dorisol pede mais cuidado com a conservação das estradas antigas e das levadas. Mas, no que toca a reparos, Trindade vai ainda mais longe e encara com preocupação a suspensão do Plano de Ordenamento Turístico.

Para crescer sustentada e harmoniosamente, a Região precisa, assegura o empresário, de instrumentos de planificação actualizados que assegurem um crescimento da oferta turística ajustado ao ordenamento territorial. "Este é um problema mais profundo. O índice de construção não pode ser associado só à hotelaria e a solução não é suspender os instrumentos", lembra Trindade, sugerindo maior atenção por parte do sector público ao ritmo de crescimento da cidade do Funchal. E se o tema versa sobre os dados que anunciam um maior índice de importação de flores contra uma quebra na produção, o empresário é peremptório. "Não tenhamos complexos por isso", declara para recordar à posteriori o exemplo da Holanda - "um país conotado com as flores e que só assegura 25% da produção".

O que é fundamental, assevera Trindade, é que se fale na Madeira como uma ilha onde se vendem flores, independentemente de onde foram produzidas. O ideal seria até, defende, a criação de bolsas de comercialização de flores.



A "vitória" de João Carlos

Quando se refere à Festa da Flor, o secretário regional do Turismo não consegue esconder a emoção. O cartaz turístico está hoje mais do que consolidado e, para João Carlos Abreu, a afirmação do evento junto de madeirenses e da comunidade internacional sabe a vitória. "Quando uma coisa nasce num clima de cepticismo, é muito compensador saber que conseguiu impor-se. Para mim, é sempre um momento de emoção assistir ao desfile da Flor", declara o responsável pela tutela do Turismo. Este ano, a afluência ao evento voltou a surpreender João Carlos Abreu, que recorda com entusiasmo a longa espera de alguns turistas "estendidos na relva a aguardar pelo cortejo", duas horas antes das flores saírem às ruas da capital madeirense. "A Festa da Flor é extraordinariamente concorrida. Não há palavras", refere. O mérito da 'Festa', diz o secretário regional, é de quem integra o certame. "O povo é uma flor de criatividade", sublinha, garantindo que nunca ninguém se dirigiu à Secretaria para pedir sugestões. "Quem integra o desfile sempre fez tudo sozinho, nós limitamo-nos a receber os projectos", vinca.

Incapaz de eleger a melhor das 'Festa' ao longo dos últimos 30 anos, João Carlos Abreu prefere recordar o espírito subjacente à criação do evento. "Quisemos erguer um muro da esperança, contra o muro de Berlim, contra as barreiras que separam as pessoas. Foi o nosso grito de paz, o grito das crianças, aqui, neste lado do Atlântico", recorda. A 'Festa' impôs-se e é, hoje, uma apelo à solidariedade entre os povos. A Festa da Flor é a festa da alegria. No fundo, conclui João Carlos Abreu, é a 'Festa' das boas vindas à Madeira.



Quercus 'farta' de avisar

'Não digas que não te avisei'. O dito popular dá força aos alertas da Quercus sobre as consequências económicas da redução no número de turistas, uma descida que, acredita o líder nacional da associação ambientalista, vai acompanhar o ritmo da construção na ilha. A Hélder Spínola não surpreendem as queixas dos visitantes, justificadas, declara, pelo ruído, pela poluição, pela construção excessiva e pela alteração paisagística. Aliás, constata, num destino que é procurado pelo sossego e pela natureza, "é de admirar que o Governo e os operadores turísticos não tenham antecipado este cenário com a adopção de cuidados no ordenamento do território". Admirado e apreensivo face à suspensão do Plano de Ordenamento turístico, o porta-voz da Quercus não tem dúvidas que as actuais políticas vão conduzir indubitavelmente a um turismo de massa associado a destinos descaracterizados.

'Farta de avisar', a associação ambientalista insiste na importância de Planos Directores Municipais (PDM'S) rigorosos. Planear o território é essencial, mas Hélder Spínola alerta também para a necessidade de se refrear a construção, estabilizar o número de camas e apostar nas áreas verdes e na harmonização paisagística.



Números da 'Flor'

22 mil

Exposição da Flor, no Largo da Restauração: 22 mil 173 visitantes, em cinco dias

30 mil

Turistas que assistiram ao cortejo (dados da SRE)

255 mil

Custo da 'Festa'

95%

Ocupação hoteleira